

história da natureza.

(Considerações provocadas pela frase do século 13: Todo criscão
 •crea firmemente que huu soo e uerdadeyro deus padre e fillo e
 spiritu sancto e estes iij, sã j. deus e una natura e hũa cousa
 de nada ...)

Os conceitos que temos, e os quais nos servem para ~~formar~~ ^{pensamentos} pen-
 samentos, são palavras prontas a formar frases. Os conceitos (e
 a estrutura dos pensamentos) são portanto ~~forne-~~ ^{dos pensamentos} fornecidos pela língua
 a qual pensamos. A história de um conceito é idêntica com a his-
 tória da palavra. Entretanto, "história da palavra" não deve se
 limitar à etimologia. As palavras têm fados (habent fata verba)
 que nem sempre deixam traços na sua forma falada ou escrita, es-
 capando à pesquisa etimológica. A língua não é um sistema auto-
 suficiente, ela sofre impactos de outras línguas que nem sempre
 se manifestam na forma de suas palavras. O intercâmbio entre as
 línguas chama-se "tradução". "Traduzir para si" é o esforço con-
 sciente de encontrar uma palavra da minha língua que tenha o mes-
 mo "significado", isto é a mesma função dentro da estrutura for-
 mal da minha língua, que a palavra que procuro traduzir tem den-
 tro da estrutura formal da sua língua. As estruturas formais de
 duas línguas nunca coincidem exatamente. Em consequência, não é
 possível, em muitos casos, encontrar uma palavra que corresponda
 exatamente com a palavra a ser traduzida. Nesses casos recorro
 a uma palavra que ocupa, na estrutura da minha língua, um lugar
 semelhante daquele ocupado pela palavra original em sua estrutu-
 ra. O que faço é um esforço de deslocar a palavra da minha lín-
 gua dentro da sua estrutura. Este esforço modifica a minha palá-
 vra sem deixar traços na sua forma. A história da palavra, para
 ser idêntica com a história do conceito, deve incluir modifica-
 ções deste tipo. Uma história assim concebida equivaleria a uma
 história do pensamento. Digo mais: equivaleria a uma explicação
 histórica do intelecto, já que o intelecto não passa de um nó de
 pensamento, isto é de um nó de palavras organizadas em frases.

A história da palavra, assim concebida, é uma tarefa sobre-huma-
 na. As dezenas, quiçá centenas, de milhares de palavras que com-
 põem uma língua representam um desafio proibitivo. A mera con-
 templação da idade da palavra (provavelmente dezenas de milhares
 de anos) ilustra como seria vã a esperança de jamais completar
 uma tal história da palavra. Entretanto o intelecto humano gost-
 ta de tarefas deste tipo. O avanço da pesquisa científica em fa-
 ce de desafios proibitivos o prova. A certeza prática (e prová-
 velmente também teórica) da última frustração da tentativa cientí-

lica em explicar "o mundo" não lhe freia o progresso. As limitações impostas a uma história da palavra são comparáveis à limitações impostas à pesquisa científica: a multidão aparentemente caótica dos fenômenos, e a inacessibilidade das suas origens. Comparáveis são também as perspectivas de resultados: o descobrimento progressivo de regiões da realidade, e o desvendar progressivo de nexos. O progresso da ciência afasta as fronteiras do desconhecido no mundo dos "dados", embora essas fronteiras, como tais, persistam para sempre. A história da palavra poderá afastar as fronteiras impostas ao intelecto em sua tentativa de conhecer-se a si mesmo, embora nunca chegue a conhecer-se inteiramente.

A semelhança entre "ciência" e "história da palavra" não é fortuita. Com efeito, "história da palavra" no sentido aqui empregado é quase idêntica com "Geisteswissenschaft" (ciência do espírito) como foi idealizada por Dilthey. Para Dilthey existem dois campos de atividade do intelecto disciplinado: a "natureza" e o "espírito humano". As ciências "naturais" representam a atividade intelectual num dos campos, as ciências "do espírito", se e quando estabelecidas, representarão a atividade intelectual no outro. Esse segundo campo é, para Dilthey, o campo da história, aquele processo que produz e forma os "espíritos humanos". A "Geisteswissenschaft" de Dilthey será, portanto, uma disciplina a um tempo histórica e psicológica, será aquilo que ele chama "verstehende Psychologie" (psicologia interpretativa). Este aspecto psicologizante é o grande defeito do sistema diltheyano e o torna inconsistente. A psicologia é, ela própria, uma ciência "natural", trata de fenômenos da "natureza". Dilthey, em sua visão correta da oposição entre "natureza" e "espírito", não soube apreciar o caráter do "espírito", a saber a sua "simbolicidade". O "espírito", ou como prefiro dizer: o intelecto, consiste de símbolos, de conceitos, enfim de palavras. A "Geisteswissenschaft" será a ciência das palavras, e nada terá de psicologismo. Será uma disciplina complementar das ciências da "natureza" e poderá ser tão exata e rigorosa quanto essas. Daí a semelhança entre as duas disciplinas.

Dilthey é um descendente do idealismo romântico. Em consequência atribui ao "espírito" uma posição ontológica primordial, e estabelece, para a sua "Geisteswissenschaft", uma importância ontologicamente superior às ciências da "natureza". A sua tentativa e a sua intenção de formular uma "crítica da razão histórica" é, no fundo, uma psicologização da dialética histórica hegeliana. Na

perspectiva, sob a qual o problema está sendo colocado neste contexto, a relação entre natureza e intelecto assume um outro aspecto. O intelecto foi definido como "nó de palavras". Falta definir a natureza. O propósito deste ensaio é contribuir para a tentativa dessa definição a partir da posição aqui exposta.

Antes de mais nada, a natureza é um dos conceitos que formam o intelecto. O conceito "natureza" é fornecido ao intelecto pela língua portuguesa. Se o intelecto apreende e compreende o conceito, isto é se ele é capaz de usar o conceito na formulação de pensamentos, (se é capaz de usar a palavra "natureza" na formação de frases), o conceito se torna parte integrante do intelecto. Entretanto, não parece ser este o problema. Ao tentarmos definir "natureza", parecemos perguntar: "O que significa o conceito "natureza"?" A palavra "natureza" simbolisa algo, isto é: aponta para algo e é um substituto de algo dentro do intelecto. O problema parece ser justamente: "O que é este algo que a palavra "natureza" aponta, e o que substitui?" Qualquer que seja a resposta, ela deve ser incoercivelmente discursiva. Ela deve ser uma frase, isto é uma organização de palavras (conceitos). Suponhamos que a resposta seja da forma: "A natureza é o conjunto dos dados." Neste caso "conjunto dos dados" é um conceito português, embora pertencente a uma camada diferente da língua. A definição não passa de uma tradução da palavra "natureza", que faz parte da camada conversacional do português, para a camada erudita da mesma língua. Não difere, portanto, essencialmente da resposta: "Natureza é nature". Não pode ser considerado como esforço feliz de tornar aparente o "algo" que a palavra "natureza" aparentemente significará.

Há, talvez, uma outra possibilidade. Posso pegar aquele que pergunta: "O que é natureza?" pela mão, conduzir-lo ao topo de uma montanha, e apontar, silenciosamente, para a vista que se descortina. Este método é, entretanto, pouco satisfatório. O meu interlocutor, para apreender e compreender o conceito "natureza", e para poder usa-lo na formulação de pensamentos, precisa incorporá-lo na estrutura da língua portuguesa. O meu apontamento mudo não serve para essa finalidade. A vivência imediata precisa ser articulada, para tornar-se acessível ao intelecto. Esta tentativa de definir "natureza" precisa ser abandonada.

Somos, portanto forçados a concluir que o "algo" que o conceito e a palavra "natureza" significam, é inarticulável, e, em consequência, indiscursível. O intelecto, que consiste de palavras, não é capaz de ultrapassar palavras. A pergunta: "O que significa natureza?" é equivalente à pergunta "O que é natureza em si?", e Kant já provou a sua pouca fertilidade.

4 4

considerações como estas são responsáveis pelo desespero epistemológico que se apoderou de pensadores como Wittgenstein, e os causou mergulhar num misticismo surdo e mudo. Desespero injustificado, como creio e como me esforçarei por mostrar. É verdade, o intelecto só apreende e compreende palavras. Mas isto não quer dizer que ele não apreenda ou compreenda nada. O intelecto não pode apreender nem compreender o "algo" que o conceito "natureza" significa. Mas ele pode apreender e compreender o que o conceito "natureza" significa dentro do conjunto da língua portuguesa. Isto de maneira alguma é pouco, nem é fácil. Com efeito, o que as ciências naturais estão fazendo, é justamente isto: fazer apreensível e compreensível o conceito "natureza" dentro do conjunto das línguas que participam da grande conversação chamada "civilização ocidental". Para tanto, servem-se de uma língua universal dessa conversação, da língua dos símbolos matemáticos. Os resultados da conversação científica são traduzidos para as línguas individuais, e servem, assim traduzidos, para definir o conceito "natureza". Na medida que este conceito está sendo definido, ele cresce e aumenta de significado. Portanto, o intelecto apreende e compreende a "natureza" sempre mais. A atividade da ciência natural é produtiva, embora seja limitada pela língua por todos os lados.

Formulamos, com este argumento, uma espécie de definição operativa (working definition) da natureza. Ela é um conceito cujo significado se modifica e cresce na medida que está sendo definido e significa o conjunto das tentativas de definição já realizadas. É uma definição vazia, conquanto não dissermos, o que é esse significado já alcançado. A tarefa de formular isto é justamente o papel da "história da palavra" que introduzi no início deste ensaio e a qual agora torna-se mais compreensível.

A "história da palavra", essa "geisteswissenschaft" diltheyana reificada e despsicologizada, será, portanto um complemento orgânico e necessário da ciência da natureza. Estudará, com efeito, exatamente os mesmos fenômenos: os fenômenos lingüísticos, embora o estudo seja dirigido em direção oposta. A ciência natural é o estudo da língua, vista do intelecto. A "história da palavra" será o estudo do intelecto, visto da língua. Juntos, serão o estudo e o desvendar da realidade. Não há diferença ontológica entre ambos.

Definida a posição, volto ao propósito deste ensaio, a saber, volto à tentativa de definir a natureza. É evidente, se a posição é sustentável, que o significado deste conceito varia de língua para língua. "Natureza" não pode ter o mesmo significado dentro do

-5-

conjunção do português, como "nature" tem em inglês, nem muito menos como "physis" tem em grego. As semelhanças entre "natureza" e "nature" são múltiplas. Etimologicamente descendem da mesma raiz latina, do "nasci" (surgir, nascer, provir, tomar a sua origem). Participaram e participam da mesma conversação interlinguística, da civilização ocidental. Estão sujeitas à mesma influência da pesquisa e da tradução para e da matemática efetuadas pelas ciências da natureza. Todas as diferenças aparentes que existiam há mil anos entre a palavra portuguesa e a inglesa devem ter sido eliminadas por essa comunhão de destino. Entretanto, a diferença básica, o clima diferente que envolve as duas palavras, persiste. Não me cabe analisar o significado da palavra inglesa neste ensaio. Certamente ela carrega consigo de maneira acentuada as marcas deixadas sobre ela pelos numerosos poetas e pensadores ingleses que dela se utilizavam, transformando-a nesse processo. As conotações que ela deve evocar nos intelectos ingleses é, com certeza, característica e incommunicável ao intelecto português. Ocuparei-me tão somente da palavra portuguesa.

No subtítulo deste ensaio, uma frase do século 13, aparece um antepassado e um parente da palavra moderna: "natura" é "nada". A frase diz que as três pessoas da trindade são "uma única natureza e uma mesma coisa". Pelo menos esta me parece ser a tradução mais aproximada. A primeira observação que ocorre é o deslocamento do significado da palavra "natureza" nestes setecentos anos. Embora possamos ainda captar algo do significado medieval, graças provavelmente à tradição eclesiástica, não é este o significado que nos ocorre espontaneamente. A atividade do intelecto, nestes últimos setecentos anos, ampliou e modificou o significado de "natureza" tão radicalmente, que o significado medieval se conservou somente como um núcleo semi-esquecido. Entretanto, o que provoca a curiosidade é o emprego da palavra "coisa de nada". Para penetrar um pouco o significado, torna-se necessário considerar as origens desta palavra.

Os romanos devem a maioria dos seus conceitos aos gregos, e os introduziram por tradução. A palavra "natura" é a tentativa de traduzir "physis". É uma tentativa frustrada. A palavra "physis" é uma noção, típica do espírito grego, de duas raízes (veja Heidegger "Sein und Zeit," e "Holzwege"), a saber "phyein" (deixar crescer) e "phaein" (trazer à luz, resplandecer). Daí a palavra "fenómeno" (aquilo que aparece e resplandece). Compare com o alemão "erscheinen" (aparecer, resplandecer). "Physis" é portanto aquilo que cresceu da escuridão para a luz, o encoberto tornado descoberto, enfim: o revelado. Nunca poderemos começar a compreender o conceito grego

(da natureza, sem considerar estas relações profundas, tão características da língua, e, em consequência, do pensamento gregos. O latim, língua muito menos "metafísica", não dispunha de uma palavra correspondente. A palavra "natura" (aquilo que tende para crescer) é uma sombra cinzenta da "physis". É dessa sombra cinzenta que as conversações ocidentais formaram o conceito cheio, rico e amplo da "natureza". Para os romanos, portanto, "natureza" eram as coisas nascidas, crescidas, as "res natae", ou, para falarmos com a nossa frase do século 13, as "cousas de nada".

Essa frase é pleonástica. "Una natura" e "hũa cousa de nada" são expressões com significado quase identico. Entretanto hoje "uma coisa de nada" não tem um significado parecido com "uma natureza". Não é o propósito deste ensaio perseguir a palavra "res nata" em seu progresso a partir da natureza rumo ao nada. É, pelo contrário, o seu propósito de chamar a atenção sobre a circunstância seguinte: O significado moderno do "nada" não podia ter surgido do conceito "natura", se não estivesse oculto dentro desse conceito desde a sua origem. Portanto o conceito moderno "natureza" conserva, no seu íntimo, esse subsignificado. No conceito "nature" este subsignificado morreu, porque o ingles dispõe da palavra germanica e de tudo alheia ao complexo da natureza: "nothing" (aproximadamente: nenhuma coisa).

O significado "nada" que se esconde no conceito "natureza" deve ter sua origem naquelas regiões longínquas da língua que se perdem nas brumas do impenetrável. Uma "historia da palavra", tal qual está sendo proposta aqui, talvez consiga, com o tempo, trazer alguma luz para o problema e, destarte, para a origem do pensamento. Entretanto, como se vê, uma investigação superficial do português moderno, como esta, traz o problema à tona. Desvenda, como que de passagem, um aspecto da pesquisa ontológica que caracteriza toda uma corrente do pensamento filosófico da atualidade.

Heidegger em "Was ist Metaphysik?" tenta formular o seu conceito do nada no seguinte pensamento: "In der hellen Nacht des Nichts der Angst entsteht erst die urspruengliche Offenbarkeit des Seienden als eines solchen: dass es Seiendes ist-und nicht Nichts" (Na noite clara do nada da angústia é que surge a revelação primordial daquilo que é como tal: mostrando que é aquilo que é- e não nada". Já em alemão a frase é um tanto obscura (contrastando com a clareza da noite que ela anima). Na tradução portuguesa se torna quase incompreensível. No entanto, se Heidegger soubesse falar português, talvez formulava o pensamento da maneira seguinte: "Na noite clara do nada da angústia nasce a natureza primordial das coisas natas como tais: mostrando que são natas, e não nada".

Quais são as modificações que introduzi nas palavras heideggerianas?

(1) Substituí "surgir" por "nascer", já que ambos significados se escondem na palavra original latina "nasci". (2) Substituí "revelação" (Offenbarkeit) por "natureza", já que este significado se esconde no conceito "physis", do qual "natureza" é a tradução por intermédio do latim. (3) Substituí duas vezes "aquilo que é" (das Seiende) por "coisas natas", já que "res natae" são aquilo que é, perfazendo o total da natureza que nasce para ser revelada.

Contemplemos o pensamento nesta nova forma. De acordo com Heidegger é a angústia (o único conceito da frase alheio ao complexo da natureza) a situação da existência (Dasein), na qual este Dasein encara o seu próprio Ser. Portanto a angústia não recebe "algo", mas "nada". A angústia não tem um objeto, mas é a consciência do nada que cerca o Ser. Em consequência, o "Dasein" na situação da angústia sente-se cercado, estreitado, angustiado. A angústia torna clara a situação do "Dasein": cercado pelo nada. É a "noite clara do nada da angústia", da qual fala a irase. Nesta clareza que a angústia proporciona, e que é a clareza do nada, nasce a natureza, tal qual é: como revelação das coisas natas, que doravante são natas, e não mais nada. A angústia esclarece portanto: as coisas natas são coisas de nada nascidas (isto é reveladas). Em outras palavras: A natureza é o nada revelado pela angústia.

Concesso que o pensamento, conforme o desenvolvi, é um pouco *Rekinn* difícil. Precisa ser seguido pensando (nachgedacht) como diria Heidegger. Não se diga que se trata de um jogo de palavras. Se o intelecto consiste de palavras e só apreende e compreende palavras, todo pensamento é um jogo de palavras. Tomar as palavras a sério, deixar elas falar como querem, deixar elas jogar como querem, é pensar seriamente. É "epoché" no sentido da Stoa, e no sentido da fenomenologia husserliana.

Feis bem: assim expresso, o pensamento heideggeriano é a tentativa de um pensador de língua alemã de conquistar um lugar dentro daquela linha que para o conceito português da natureza. Os que pensam português não precisam dessa acrobacia mental e verbal. Podem dizer, simplesmente: "quando angustiado, percebo o significado "nada" dentro do conceito da natureza". Se este pensamento é válido, deve ter sido em época angustiada que a "res nata" virou "nada" no curso da história dessa palavra. Que uma futura "história da palavra" o comprove.

Chamei este ensaio de "história da natureza". Não botei natureza em aspas. O que discuti não são uns poucos aspectos da palavra, nem do conceito da natureza. Discuti uns poucos aspectos da natureza "tout court". O que se esconde atrás do conceito "natureza", o "algo" significado pe-

8

la palavra "natureza", é indiscutível. A historia da natureza, tal qual ela se processou desde tempos imemoriais para formar a "physis" dos gregos, a natura dos latinos, e finalmente a natureza da conversação atual, é o campo para uma investigação linguística, uma investigação do intellecto. Não é campo para investigação das ciencias naturais. Nem para as chamadas ciencias "historicás", que são, sob este prisma, especies de ciencias naturais. As ciencias naturais, inclusive as históricas, investigam os conceitos atuais, tais quais lhes são propostos pela conversação da atualidade. Quando a historia investiga os gregos antigos, não investiga os gregos antigos "em si", mas o conceito "gregos antigos" que temos atualmente. Uma ciencia do intellecto, uma "Geisteswissenschaft" autêntica, uma "historia da palavra" investigará a historia do conceito "gregos antigos". Juntas, as duas disciplinas, investigarão a realidade. É para despertar interesse por uma disciplina dessa especie que este ensaio está sendo formulado.